ANÁLISE GENDRADA DAS EMOÇÕES DE UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTALISTA RADICAL

Ana Paula Sanches Rosolen (PIBIC/FA), Carolina Laurenti (Orientadora), Carlos Eduardo Lopes (Co-orientador). E-mail: claurenti@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/Fundamentos e Medidas da Psicologia

Palavras-chave: Análise do Comportamento; emoção; gênero.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi apresentar uma interpretação das emoções à luz de uma perspectiva comportamentalista radical de gênero. Foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual em três etapas: análise de definições de emoção na literatura analítico-comportamental; análise da produção comportamentalista radical sobre gênero; e comparação dos resultados para identificar possíveis relações entre os processos envolvidos na constituição de repertórios emocionais e aqueles relacionados ao gênero. Das 130 publicações recuperadas no Portal de Periódicos da CAPES e na PsycINFO, 43 foram selecionadas, sendo 21 sobre emoção e 22 sobre gênero. Identificou-se uma invisibilidade mútua entre as temáticas: apenas 19% dos textos sobre emoção consideraram gênero como variável relevante, enquanto 50% dos textos sobre gênero abordaram emoções. A análise sugere que padrões emocionais podem ser compreendidos como repertórios constituídos por práticas culturais generificadas, nas quais comportamentos são diferencialmente reforçados conforme a atribuição social de sexo. A concepção skinneriana de emoção permite, assim, questionar explicações essencialistas, mentalistas e fisiologicistas das diferenças emocionais entre homens e mulheres. Nesse contexto, restrição emocional e déficit de autocuidado em homens, bem como sofrimento associado a contingências aversivas em mulheres, podem ser compreendidos como produtos de práticas culturais generificadas. Conclui-se que essa perspectiva amplia a compreensão analítico-comportamental das relações entre gênero e emoção e evidencia implicações clínicas e ético-políticas para a transformação de práticas que produzem e mantêm desigualdades.

INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental lida com as assimetrias sociais a partir do gênero (Zanello, 2018). No entanto, em contraposição à concepção essencialista de gênero, que atribui diferenças entre homens e mulheres a fatores biológicos, Zanello (2018) ressalta que essas diferenças não são expressões de essências, mas são performances reguladas por dispositivos que seguem roteiros sociais a depender do

gênero. Esses dispositivos atuam não só na produção de performances, mas também de emocionalidades.

Para as mulheres, o dispositivo materno constitui práticas que as reconhecem como cuidadoras natas e estabelecem expectativas de dedicação e responsabilidade pelo cuidado, produzindo também sentimentos de culpa diante do não cumprimento desse script. Já o dispositivo amoroso estrutura a autoestima feminina a partir do olhar masculino, colocando as mulheres em condições de constante avaliação de sua aparência e, consequentemente, de vulnerabilidade e insegurança em relação ao próprio corpo. Para os homens, o dispositivo da eficácia estabelece a produtividade laboral e virilidade sexual como critérios de reconhecimento da masculinidade, de modo que a ameaça a esses atributos pode produzir sentimentos de culpa, inadequação e fracasso. Desse modo, os dispositivos de gênero não apenas regulam performances sociais, mas também participam da constituição de diferentes formas de vivenciar e expressar as emoções, produzindo emocionalidades generificadas.

A literatura em Análise do Comportamento tem abordado as diferenças de gênero não em termos de essências, mas como padrões comportamentais mantidos por reforçamento diferencial em contingências patriarcais (Silva; Laurenti, 2016). Entretanto, permanece a questão de em que medida essa produção tem contemplado a dimensão emocional envolvida na constituição de repertórios generificados. Por sua vez, a literatura analítico-comportamental sobre emoções, amparada na concepção skinneriana (Skinner, 2014), afasta explicações mentalistas e fisiológicas ao compreendê-las como estados disposicionais estabelecidos por operações ambientais que alteram temporariamente a probabilidade de determinadas respostas. Cabe, portanto, investigar em que medida essa concepção de emoção tem incorporado a influência das práticas culturais relacionadas ao gênero e, inversamente, como uma análise comportamental de gênero pode contemplar a constituição de diferentes emocionalidades. Com efeito, a necessidade destacada por Zanello (2018) de investigar não só as performances, mas também as emocionalidades de forma gendrada pode ser explorada conforme princípios analítico-comportamentais. Assim, o objetivo deste estudo foi apresentar uma interpretação das emoções de uma perspectiva comportamentalista radical de gênero.

MATERIAIS E MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual dividida em três etapas. O objetivo da primeira foi identificar e analisar definições de emoção na literatura analítico-comportamental. Para isso, foram estudadas publicações recuperadas no Portal de Periódicos da CAPES e na base PsycINFO, por meio da busca de termos relacionados ao tema: emoção, comportamento emocional, operações emocionais e respostas emocionais e a abordagem psicológica, tais como: análise do comportamento, comportamentalismo radical, analítico-comportamental, behaviorismo radical e Skinner, que apresentassem discussões conceituais ou teóricas sobre emoções sob a perspectiva da Análise do Comportamento. A segunda etapa consistiu na análise da literatura comportamentalista radical sobre

gênero. Valendo-se das mesmas bases de dados citadas anteriormente, palavras-chaves relacionadas ao tema, como por exemplo: estudos de gênero, feminismo, masculinidades e relações de gênero e relacionadas à abordagem psicológica foram utilizadas a fim de recuperar textos que discutissem a constituição de repertórios comportamentais relacionados ao gênero, bem como os processos de aprendizagem e as contingências socioculturais envolvidos em sua manutenção. Os trabalhos identificados nas duas etapas foram lidos integralmente e organizados segundo os principais conceitos, processos comportamentais envolvidos, definições apresentadas ou criticadas pelos autores e os comportamentos constituintes do fenômeno estudado. A terceira etapa consistiu em uma análise comparativa entre os resultados das etapas anteriores. O objetivo foi verificar se existem processos que geram emoções presentes nos processos responsáveis por comportamentos que denotam gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 130 publicações recuperadas na plataforma Portal de Periódicos da CAPES e na base PsycINFO, 43 foram selecionadas: 21 sobre emoção e 22 sobre gênero. Identificou-se uma invisibilidade mútua entre as temáticas, já que apenas 19% dos textos sobre emoção citam gênero como variável relevante, ao passo que 50% dos textos sobre gênero abordam emoções (Backschat; Laurenti, 2023). Esse desequilíbrio corrobora a tese de Zanello (2018) de que as emocionalidades, e não apenas as performances, constituem uma dimensão central e pouco explorada na produção generificada da subjetividade. Diante dessa assimetria, o objetivo foi compreender os padrões emocionais como práticas generificadas, isto é, como repertórios regulados pelos mesmos processos operantes e respondentes que constituem práticas culturais (de Rose, 2016).

Nesse cenário, argumentou-se que a comunidade verbal estabelece contingências de reforçamento diferencial distintas conforme o sexo de quem se comporta: comportamentos de cuidado e expressividade tendem a ser reforçados em mulheres, enquanto homens são expostos a contingências punitivas diante de emoções como tristeza e medo, o que compromete seus repertórios autodescritivos e a discriminação de eventos privados. Essa disseminação ocorre por meio de redes de relações simbólicas e controle por regras (de Rose, 2016).

À luz dessa análise, sustentou-se a relevância da concepção skinneriana de emoção (Skinner, 2014), cuja recusa às explicações mentalistas e fisiológicas converge com teorias antiessencialistas de gênero. Ao considerar a emoção não como causa interior, mas como um estado disposicional estabelecido por operações ambientais, que altera temporariamente a ocorrência de determinadas respostas, é possível desconstruir argumentos que naturalizam a suposta racionalidade masculina ou emotividade feminina como características psíquicas ou biológicas imutáveis.

Nesse contexto, manifestações como a restrição emocional e o déficit de autocuidado em homens, bem como o sofrimento vivenciado por mulheres diante de contingências aversivas e coercitivas, foram interpretados como produtos de práticas culturais generificadas. Essa interpretação dá relevo à necessidade de uma postura crítica da intervenção analítico-comportamental: no âmbito clínico, evitar a

patologização individual de queixas emocionais perpassadas por contingências sociais generificadas; no âmbito político, comprometer-se com a transformação das práticas que produzem e mantêm tais desigualdades.

CONCLUSÕES

O estudo apresentou uma interpretação das emoções à luz do comportamentalismo radical em interlocução com os estudos de gênero, evidenciando que padrões emocionais podem ser compreendidos como repertórios constituídos por práticas culturais e contingências patriarcais, e não como disposições biológicas ou mentais inatas. Essa análise permite compreender diferenças nos padrões emocionais de homens e mulheres, como a restrição emocional e o déficit de autocuidado nos homens, e formas de sofrimento associadas às contingências aversivas e coercitivas vivenciadas pelas mulheres, como produtos de contingências sociais generificadas. A concepção skinneriana de emoção também favorece reflexões clínicas e ético-políticas ao contribuir para a desnaturalização das diferenças de gênero e para a análise das contingências sociais envolvidas em queixas emocionais. Novos estudos poderão aprofundar essa análise, investigando empiricamente repertórios emocionais generificados e os processos de socialização emocional de meninos e meninas.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) e aos meus orientadores Carolina Laurenti e Carlos Eduardo Lopes por todo o apoio oferecido nesta trajetória.

REFERÊNCIAS

BACKSCHAT, L. de P. V.; LAURENTI, C. Análise gendrada de queixas clínicas: uma abordagem feminista de gênero. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. esp., p. 122-137, 2023. https://doi.org/10.18761/vecc01032023.

DE ROSE, J. C. A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. **Acta Comportamentalia**, Guadalajara, v. 24, n. 2, p. 201–220, 2016.

SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 197-211, 2016. https://doi.org/10.18761/pac.2016.009.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (Trabalho original publicado em 1953).

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.